

A condição-animal em Kaspar Hauser: Crítica à ética racionalista: O bom selvagem e a esterilidade da razão

Laerte Fernando Levai*

Resumo: Este artigo é resultado da monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Especialista em Bioética à Comissão Julgadora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Sua proposta é a de analisar, sob a perspectiva da ética, um fato real que se passou na Alemanha, início do século XIX, quando um jovem – Kaspar Hauser (?-1833) – por circunstâncias não devidamente esclarecidas, fora mantido em cativeiro subterrâneo, da infância à adolescência, privado de contato social e sem qualquer possibilidade de obter conhecimento do mundo, até que o dia em que seu algoz o liberta, abandonando-o na praça central de Nüremberg. O jurista Paul Johann Anselm Ritter Von Feuerbach (1775-1833), responsável pela abolição da tortura na Bavária, acompanhou de perto o processo desse rapaz tido como “o filho enjeitado da Europa”, escrevendo em 1832,

* Promotor de Justiça em São José dos Campos e atua na área criminal, ambiental e defesa dos animais. É vice-presidente do Instituto Abolicionista Animal. Com especialização em bioética pela Faculdade de Medicina da USP.

sob a influência do Romantismo Alemão, o livro intitulado “Kaspar Hauser, o caso de um crime contra a alma de um ser humano”.

***Abstract:** This article is the result of the monograph presented as a requirement for obtaining an Expert in Bioethics to Faculty of Medicine of the University of Sao Paulo. His proposal is to examine, from the perspective of ethics, a fact that has happened in Germany, beginning of the nineteenth century, when a couple - Kaspar Hauser (? -1833) - by circumstances not adequately clarified, outside kept in captivity underground, From childhood to adolescence, deprived of social contact and no possibility of obtaining knowledge of the world, until the day that his trapped the releases, abandoning it in the central square of Nüremberg. Lawyer Paul Ritter Von Johann Anselm Feuerbach (1775-1833), responsible for the abolition of torture in Bavaria, has closely followed the process that had boy as “the abandoned son of Europe”, writing in 1832, under the influence of German Romanticism, the book entitled “Kaspar Hauser, the case of a crime against the soul of a human being”.*

Sumário: I – Introdução. II – Mistério em Nüremberg. III – Sobre a estigmatização. IV – O aprendizado do mundo. V – Estética da dominação. VI – O estado de natureza. VII – Da vulnerabilidade animal. VIII – Conclusões articuladas. IX – Referências bibliográficas.

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a história emblemática de Kaspar Hauser tem inspirado diversos livros e ensaios literários, psicológicos, lingüísticos, filosóficos, antropológicos, jurídicos etc, além da produção de películas cinematográficas sobre o tema. A fim de delimitar o campo de pesquisa, restringimo-nos a duas obras: o romance “Kaspar Hauser ou a Indolência do Coração”, do escritor austríaco Jacob Wassermann (1908), que se baseou no texto original de Feuerbach, e o filme “O Enigma de Kaspar Hauser”, do cineasta alemão Werner Herzog (1975), cujo título original evoca a solidão do homem em um mundo marcado pela indiferença: “Jeder für sich und Gott gegen alle” (“Cada um por si e Deus contra todos”).

Não há como analisar a figura de Kaspar Hauser sem equipará-la ao *bom selvagem* que habita as teorias de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo este que se opõe à busca obstinada pelo progresso e à

sociabilidade do homem natural. Dizer que o homem nasceu bom e a sociedade o corrompeu não basta, até porque seria impossível retornar ao estado pré-social. Não se trata, portanto, de voltar à natureza primitiva, mas fazer a Essência triunfar sobre a existência, dando vazão à natural bondade das pessoas.

Opondo-se frontalmente às idéias de Thomas Hobbes (1588-1679), que sustentava ser o estado original da humanidade uma guerra de todos contra todos (*“bellum omnium contra omnes”*), ou que o homem é o lobo do homem (*“homo homini lupus”*), Rousseau propõe a fuga do brutal artificialismo da civilização para encontrar, na natureza, o sentido da existência. Para ele, as ciências – apesar de seu contínuo desenvolvimento – constituem um fator de decadência humana, haja vista que o verdadeiro progresso é de ordem moral.

Em meio a tal contexto há de se perguntar se o homem nasce ético. Se para Platão (427-347 a.C.) o conhecimento já faz parte, *a priori*, do indivíduo, para Aristóteles (384-322 a.C.) ele somente pode ser adquirido com a experiência concreta, *a posteriori*. Considerando que a ética, tida como ciência da moral, está envolta nas relações psicossociais, a resposta mais plausível a essa indagação seria a de que o ser humano não nasce ético nem antiético, podendo obter – ou não – tal virtude ao longo de seu desenvolvimento sócio-cultural.

O tema do estado de natureza foi aprofundado por Rousseau no “Discurso sobre as Ciências e as Artes”, cuja conclusão é intrigante: aquele que vive em tal condição, sem governo, sem tecnologia e sem laços sociais, pode ser considerado como um indivíduo liberto de vícios, preservado e puro. A teoria rousseauiana da bondade natural ganha maior amplitude se contraposta ao pensamento do filósofo empirista Thomas Hobbes, para o qual o homem, por não possuir qualquer idéia do bem, é naturalmente pernicioso. Teria Kaspar Hauser, enquanto privado de qualquer contato social, noção do bem e do mal? Poderia ele, sem autoconsciência, desenvolver sentimentos morais se desconhecia a própria moralidade? Sua mente, quando aprisionado o corpo, poderia fazer juízos de valor sem conhecer a realidade externa?

Apesar de todas as conjecturas ao seu respeito, é certo que Kaspar Hauser manteve-se, durante e depois do período reclusivo, como um

indivíduo pacífico. Homem de boa índole, por vezes admitiu preferir a solidão do calabouço à vida em sociedade. Esta revelação não deixa de ser perturbadora. Partindo da reflexão racional, com base na experiência vivenciada por Kaspar Hauser, é possível formular uma crítica à ética racionalista ligada ao cientificismo e ao racionalismo do século XIX. Neste sentido, o foco da presente argumentação coincide com um dos temas centrais da Filosofia Contemporânea: a crise da razão.

O projeto filosófico idealista pretende produzir um sistema capaz de abranger todas as questões epistemológicas: natureza, limite e *modus operandi* do conhecimento humano. Rousseau rejeita o progresso científico como fator de aperfeiçoamento do homem, propondo que se resgate o chamado ‘homem moral’. Acredita que o ideal humano não se encontra na sociedade artificial e desnaturada, mas naquilo que o homem possui de mais puro e natural. Na esteira do pensamento de Rousseau, que considera a razão estéril sem o recurso da emoção, aparece a tônica deste trabalho. A situação de Kaspar Hauser, portanto, traz dupla perspectiva rousseauiana: sugere o bom selvagem e mostra a esterilidade da razão.

Isso possibilita a reflexão sobre um indivíduo em estado de vulnerabilidade, estigmatizado por aquilo que se pode denominar de “condição-animal”: a situação de alguém mantido em cativeiro, subjugado e em condições degradantes (fato comum na relação entre o homem e os animais não-humanos) e também a de um bicho selvagem em processo de domesticação, exposto à curiosidade pública (como ocorre com os animais não-humanos mantidos nos circos e zoológicos). Apesar do aprendizado da vida civilizada que lhe foi imposto, Kaspar Hauser sempre demonstrou inquietude e certa angústia em face da realidade do mundo exterior.

As circunstâncias de sua vida, em síntese, sugerem a existência de um ser humano naturalmente bom, ainda não moldado pela ditadura da razão. Não obstante isso, com o advento do mecanicismo a concepção da natureza perde espaço para um mundo em que os valores quantitativos e mecânicos sobrepõem-se aos valores qualitativos e espirituais. Contra o tradicional pensamento racionalista, retratado nos costumes da sociedade de Nüremberg, é que se opôs Kaspar Hauser. Pode-se dizer que ele representou, no curto espaço de sua existência,

um outro olhar sobre o mundo, uma voz dissonante do sistema, uma peça deslocada da engrenagem social. Também por isso é possível traçar um paralelo entre o homem inserido nos padrões sociais de normalidade e aquele que permanece vulnerável sob o estigma da “condição-animal”, fazendo-se enfim a crítica à Ética racionalista.

2. MISTÉRIO EM NÜREMBERG

Deixai-me chorar! Isto não me envergonha:
os homens que sabem chorar são bons.

(GOETHE)

Na manhã de domingo de Pentecostes, em 1828, surge na praça central de Nüremberg uma figura estranha, de olhos arregalados, que mal conseguia permanecer em pé. Tratava-se de um rapaz pálido, vestido com trajes de camponês e que trazia na mão uma carta. Até então esse jovem, recém-saído de um calabouço, ignorava as palavras, o mundo exterior e a existência dos homens. Chamava-se ele Kaspar Hauser e, naquele momento – pela primeira vez em sua vida - aparecia perante a sociedade, olhando com indecifrável espanto para as ruas, para as casas e para as pessoas. A missiva apócrifa endereçada ao capitão da cavalaria, de conteúdo dissimulado, em vão tentava explicar o seu mistério:

Envio-lhe juntamente um rapaz, senhor capitão, que desejaria servir fielmente ao seu rei e tornar-se soldado. O rapaz, em 1815, foi posto em frente da minha porta. Tendo filhos, e sendo pobre, dificilmente eu poderia encaminhá-lo na vida. É uma criança abandonada, e jamais conseguiu encontrar a sua mãe. Ele nunca saiu da minha casa, razão por que desconhece o nome e o lugar onde ela está situada, não existindo uma só pessoa que o conheça. Dou-lhe permissão para interrogá-lo mas, não estando muito avançado quanto a palavra, nada poderá dizer. Tivesse pais, e poderia haver se tornado alguém útil: ele, porém, não os tem. Mostrando-lhe algum objeto, imediatamente saberá distinguir o que é. Foi em plena

noite que eu conduzi, e o conduzi sem dinheiro. Caso o senhor não o queira, restará apenas espancá-lo e suspendê-lo na chaminé.

Decerto que essa carta ocultava a verdade sobre Kaspar Hauser. Basta dizer que o jovem foi mantido cativo durante anos a fio, sem contato algum com pessoas ou com a natureza, privado da luz do sol e recebendo como alimentação apenas pão e água. Seu algoz provavelmente o dopava à noite para limpá-lo e trocar sua roupa. No porão não havia janelas e nem vinham ruídos exteriores, de modo que o rapaz desenvolveu maior acuidade visual para conseguir enxergar no escuro e, concomitantemente, acentuada capacidade auditiva, o que lhe permitia escutar o que as pessoas em condições normais não ouvem. A única atividade lúdica de Kaspar Hauser, segundo os relatos históricos, era um brinquedo, mais especificamente um cavalo de madeira que se movimentava sobre pequenas rodas. Proposital ou não, a frase decorada por ele em seu último período no cativeiro – época em que também aprendeu a rabiscar o próprio nome - correspondia a um pretenso desejo incompreendido, ligando a figura paterna ao citado animal: *“Cavaleiro quero, como pai era”*.

Foi esta frase, aliás, exaustivamente repetida por Kaspar Hauser aos guardas que passaram a custodiá-lo. Tido a princípio como insano, selvagem ou possível impostor, o fato é que ele nada dizia a seus inquisidores, tampouco conseguia articular palavra com lógica, apresentando comportamento insólito e por vezes infantil. O escrivão encarregado do processo fez os seguintes registros sobre o suspeito: *“Ele se recusa a dizer seu nome (...), ele se recusa a responder (...), ele cuspiu a comida... (...) Devemos enquadrá-lo nas normas legais”*. Diante disso Kaspar Hauser, misterioso pária social, acabou recolhido à prisão, na torre em que se encerravam ladrões, ébrios e mendigos.

Quanto ao temor diante do perigo, ele não reagiu à ameaça de uma espada afiada em seu pescoço ou da aproximação de uma vela acesa sob seus dedos. Faltava-lhe o referencial da dor associado à ocorrência de uma agressão, por isso a indiferença. Segundo o escritor austríaco Jacob Wassermann, autor de *“Kaspar Hauser ou a Indolência do Coração”* – romance elaborado sob a influência do Romantismo

Alemão do século XIX - o jovem prisioneiro chorou durante oito dias e oito noites, sendo observado de modo furtivo por um carcereiro. Isso deixou evidenciado que o rapaz não agia como um farsante. E também que Kaspar Hauser era vítima de violência, mesmo que não física.

Outro aspecto curioso de seu comportamento é que Kaspar Hauser demonstrava amor inato pelos animais, principalmente os pássaros, apesar do medo de galinhas. No que se refere à alimentação, ele demonstrava repulsa a qualquer outro tipo de comida que não fosse pão, recusando a dieta carnívora. Wassermannn relata que o jovem relutou bastante até o dia em que foi obrigado a comer carne pela primeira vez. Nessa ocasião, curiosamente, *o cão do vizinho, sempre seu amigo, tentou mordê-lo e rosnou furiosamente contra ele* (obra citada., p. 83). Daumer receava, com a alimentação carnívora, *destruir os dons que talvez venham precisamente da pureza de seu sangue* (p. 54). Outro trecho sugestivo do romance é aquele que retrata a angústia de Kaspar Hauser com o gesto do açougueiro em colocar na prateleira a carne crua e ainda sangrenta de um animal recém-abatido. *Indizível tristeza angustiava a fisionomia do rapaz; recuou, trêmulo e, incapaz de exprimir o que sentia, fugiu* (p. 128).

Ao contrário do que se pode pensar à primeira vista, Kaspar Hauser não era um ser adâmico. Trazendo em si a carga de suas vivências passadas, que acumulara durante os anos anteriores à sua libertação, ele possuía experiências diferentes daquelas conhecidas pelo senso comum dos homens. Uma possível explicação ao seu horror à matança de animais ou a ingestão de seus corpos talvez seja a involuntária identificação de Kaspar Hauser em relação a eles, traduzida em uma silenciosa empatia para com todos os seres vivos.

Três hipóteses para seu mistério logo foram aventadas, conforme anota o professor Rafael Rafaelli no ensaio “Kaspar Hauser – A Inércia do Imaginário”: a) teoria da fraude (Kaspar Hauser seria um andarilho espertalhão em busca de fama); b) teoria do príncipe (que aponta Kaspar Hauser como neto de Napoleão, filho de Stéphanie Adrienne Napolleone de Beauharnais, que por razões políticas foi afastado da linhagem sucessória da dinastia Baden); c) teoria do acaso (sustenta que Kaspar Hauser pode ter sido fruto de uma gravidez indesejada ou de uma relação incestuosa, motivo pelo qual foi criado escondido). Vale dizer que um

teste de DNA, de 2002, encontrou similitude entre o código genético de Kaspar Hauser e o de uma descendente direta de Stephanie de Beauharnais, o que fortalece a versão de que ele seria mesmo o príncipe da casa de Baden. Esta conclusão, todavia, ainda não foi oficialmente aceita. Mas tal hipótese contém em si um elemento hobbesiano, já que Kaspar Hauser seria vítima do homem que é lobo do homem.

Independentemente de quem tenha sido Kaspar Hauser, o certo é que seu inusitado aparecimento em Nüremberg precipitou uma série de acontecimentos que culminaram em ameaças e atentados à vida do jovem. Sem vontade de assimilar todos os valores sociais que lhe impuseram, Kaspar Hauser sentia-se qual pássaro sem asas, perdido em meio à voracidade dos lobos. Por vezes ele, desgostoso com o mundo dos homens, confessava sua vontade em permanecer no buraco do qual saiu. Lá onde as coisas reais confundiam-se com as imaginárias, onde a ausência do espelho tirava-lhe a consciência de si e dos outros, onde o sonho ganhava asas.

3. SOBRE A ESTIGMATIZAÇÃO

“Hei de fugir, porventura?
Buscar as selvas, talvez?
Tudo é baldado ardor!”

(GOETHE)

O mistério de Kaspar Hauser, inicialmente equiparado aos intrigantes casos das crianças ferais ou dos meninos-lobos, repercutiu pela Europa. Somente o fato de alguém, quase em idade adulta, não conhecer nem as palavras nem os costumes humanos, já despertava a curiosidade pública. Também a possibilidade de esse rapaz ser um príncipe, cujo nascimento interferiria em determinada ordem sucessória da nobreza, aumentava ainda mais o interesse das pessoas. Por outro lado, a especulação de que o jovem montou uma farsa para tirar proveito da situação, era motivo mais do que suficiente para muita gente desejar conhecê-lo de perto.

Como bem ressalta Rafael Rafaelli, Kaspar Hauser foi equiparado à criança inocente de Rousseau, permitindo que se pudesse observar o papel da educação sobre a natureza primitiva: “*O debate centrava-se sobre a questão da influência da educação sobre a personalidade ou, em outras palavras, do meio ambiente sobre a hereditariedade*” (obra citada, p. 15). Há de se lembrar que Kaspar Hauser não foi criado com outros animais, mas isolado de tudo e de todos, de modo que seu caso nada tem a ver com o das crianças encontradas na mata, que viviam como bichos. A condição-animal em Kaspar Hauser é diferente, apesar de ele ter sido criado em cativeiro e de ser tratado como um animal selvagem. Tal fato, por si só, motivava o povo a vê-lo de perto:

O romance de Jacob Wassermann, escrito sob nítida perspectiva rousseuniana, contém passagens reveladoras do interesse das autoridades de Nüremberg na exposição pública do órfão:

O guarda da prisão não ousava se opor à vinda das pessoas e o burgomestre, afinal, havia dado ordem para que deixasse o prisioneiro ser visto pelo maior número de visitantes possível. Sentia, freqüentemente, piedade da pobre criança desarmada mas, por outro lado, orgulhava-se de vigiar um tal objeto de curiosidade e, graças a ele, a sua bolsa se enchia mais que de costume (obra citada, p. 29).

E prossegue o autor:

Pela madrugada apareciam os primeiros visitantes; eram os que, devido à profissão, levantavam cedo: os varredores de rua, as criadas, os entregadores de pão, os operários que iam para o trabalho, as crianças que, no caminho da escola, se sentiam seduzidas por um pequeno descanso e subiam à prisão (...). A multidão se tornava mais selecionada à medida que o dia avançava. Famílias inteiras compareciam (...) para olhar o fenômeno (...).

As comparações de Kaspar Hauser a um animal aprisionado, ilustradas com ações sádicas dos visitantes, eram também freqüentes:

Alguns o consideravam como um cão que ainda não aprendeu a se comportar. Colocavam comidas em frente do prisioneiro para exercitar seu apetite (...). A criança, porém, doce e silenciosa, nada fazia do que se esperava. As pessoas, então, se encolerizavam, julgavam-se logradas e gritavam mil brutalidades (...). Um dia dois jovens ourives trouxeram aguardente e o quiseram obrigar a beber à força. Enquanto um o segurasse, o outro lhe introduziria nos lábios o copo cheio – mas o plano não pode ser executado porque o simples odor de álcool bastou para que Kaspar desmaiasse nos braços dos carrascos (obra citada, p. 30).

Cabe aqui dizer que em meados do século XIX, em solo europeu e norte-americano, circos itinerantes exibiam seres humanos fisicamente anormais, usando-os como forma de atrair o público: homens com três pernas, com duas cabeças, mulheres barbadas, outras acometidas de elefantíase, anões, gigantes, são apenas alguns exemplos de pessoas estigmatizadas que se submeteram à curiosidade popular por necessidade de obter, por menor que fosse, algum rendimento econômico. Nessa época estava em voga a teoria da evolução de Charles Darwin (1809-1882), afirmando que as espécies surgiam e desapareciam seguindo o processo de seleção natural. No final do século, ainda sob a influência da polêmica darwinista, aumentava a curiosidade popular sobre fatos dessa natureza. Nos EUA os chamados “Museus da Moeda”, que alcançavam grande popularidade, recorriam a anúncios sensacionalistas para atrair o público.

Conforme se depreende do livro “Freaks, aberrações humanas – A exploração de fenômenos físicos humanos em circos e espetáculos itinerantes”, elaborado a partir do acervo fotográfico de Akimitsu Naruyama, foram exibidos publicamente homens com obesidade mórbida, outros com raquitismo crônico, irmãs siamesas etc. No Barnum & Bailey-s Circus apresentava-se Myrtle Corbim, a mulher com quatro pernas que tinha dois corpos distintos a partir da cintura para baixo; Fanny Mills, mulher com pés gigantes; também Francisco Lentini, siciliano que nasceu com três pernas e dois conjuntos de genitais. Já o

mexicano Pasquel Penon, que possuía duas cabeças, passou a atuar no Sells Circus a partir de 1862.

Embora todas essas pessoas tenham consentido com as apresentações, certamente o fizeram porque, estigmatizadas pela sociedade e pelo próprio Estado, a elas não restava outra opção de sobrevivência que não à custa da própria humilhação. A questão ética subjacente, relacionada à dignidade da pessoa humana, não era sequer considerada pelos espectadores, os quais lotavam esses recintos sob a justificativa de atender a pretenso interesse científico ou cultural.

Kaspar Hauser, guardadas as devidas proporções, também foi vítima de semelhante exploração comercial, conforme se constata de uma antológica cena concebida por Werner Herzog em “O Enigma de Kaspar Hauser”. Segundo a narrativa do cineasta, o município de Nüremberg precisava arrecadar fundos para prover o órfão, tendo o governo permitido fosse ele exibido em um “circo de aberrações”, ao lado de um urso acorrentado, de um menino autista, de um índio flautista e de um rei-anão. Vale aqui lembrar os trechos do filme em que isso acontece:

O apresentador do espetáculo mostra, dentre as atrações circenses, um urso selvagem da Mongólia, que no ambiente humano – enfiado à focinheira e preso em correntes – *tornou-se um bom animal*. Anuncia também a presença ali dos *quatro enigmas do universo*, a saber: o *pequeno rei* (um homem anão), o fã de Mozart que se esconde em um buraco (um menino autista), o folclórico *Hombrecito* (um índio que nunca para de soprar uma flauta) e, sobretudo, *Kaspar Hauser*, suposto príncipe descendente de Napoleão Bonaparte que surgiu na cidade trazendo nas mãos uma carta anônima e um livro de orações.

Na cena seguinte Werner Herzog mostra a fuga de Kaspar Hauser e seus companheiros de infortúnio, em face da exploração que sofriam no circo. Nessa atabalhoada corrida pelo campo, vê-se ao lado dos fugitivos um burro com um macaco nas costas, um camelo ajoelhado e outros animais subjugados. Frustrada a evasão, todos foram recapturados pela guarda e devolvidos aos seus postos. O notário, satisfeito com o trabalho policial, vangloriava-se do processo, definindo-o como *um belo registro, perfeito, como ninguém viu até hoje*.

Não se pode deixar de dizer que, apesar de toda a tristeza, Kaspar Hauser sempre manteve uma postura pacífica, piedosa e por vezes esperançosa. Em uma das imagens mais belas do filme de Werner Herzog, na moldura poética de um barco singrando as águas e sob o aceno invisível que emerge na pungência melódica do Adágio, de Albinoni, Kaspar Hauser escreve:

Há alguns dias semeei meu nome com pés de agrião.
Eles pegaram bem. E isto me deu tamanha alegria
que mal posso expressar. Mas ontem, ao voltar do
passeio, notei que alguém entrou no jardim e
espezinhou meu nome. Chorei por muito tempo e
então resolvi semear de novo.

Esta cena simboliza, pela voz de um homem bom, o renascer da esperança.

4 . O APRENDIZADO DO MUNDO

“Eis o teu mundo!
Que mundo o teu!
E ainda perguntas por que a tua alma.
Se encolhe, tímida, dentro em teu peito”

(GOETHE)

Também não há como deixar de comparar a situação vivenciada por Kaspar Hauser, confinado desde cedo no calabouço que se tornou seu pequeno mundo, com o Mito da Caverna, de Platão. Nesta clássica alegoria, inserida no diálogo “A República”, o filósofo grego apresenta simbolicamente sua visão da condição humana e do próprio conhecimento das coisas. Os prisioneiros da caverna, que conhecem apenas vozes e espectros, vêem tais fenômenos como a fiel expressão de uma realidade. Se um deles sáísse para a luz, ficaria momentaneamente cego, desorientado e incrédulo, para aos poucos entender o que se passa à sua volta. E ao retornar para a escuridão, também sua experiência pessoal externa seria incompreensível aos seus companheiros que vivem entre ecos e sombras. Platão procura mostrar, nessa alegoria, que as

verdades são transcendentais e não imanentes, como se aquilo que se acredita conhecer com exatidão pudesse ser apenas sombras das eternas e perfeitas realidades.

A filosofia platônica, fundamentada em um dualismo, admite a existência do mundo das idéias imutáveis (eternas) e o mundo das aparências sensíveis (mutáveis). Para ele, o mundo das idéias é o único mundo verdadeiro, enquanto que a realidade do mundo sensível constitui mera ilusão. As sombras projetadas na parede da caverna representam nossa experiência sensorial, o mundo das aparências e do vir-a-ser. Os objetos verdadeiros, situados no exterior da caverna e iluminados pelo sol, simbolizam o mundo das verdades externas. Quanto ao prisioneiro, libertado da caverna e trazido para a luz, ele representa a dialética ascendente. Tanto que, ao retornar ao buraco escuro, seus companheiros o consideram cego.

Até que ponto, então, é possível conhecer a realidade exterior por meio do universo dos signos lingüísticos, ou seja, qual o alcance da linguagem em face do pensamento cognitivo? Faz-se tal pergunta porque apesar das explicações lógicas dadas a Kaspar Hauser sobre tudo ao seu redor, o rapaz permanecia refratário às fórmulas racionais que lhe impingiam a sociedade. O próprio processo educacional e de socialização do indivíduo está unido à valoração dos signos, que nos dá assim a ilusão da realidade. Segundo o escritor Izidoro Blikstein, autor de “Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade”, por não dispor de estereótipos perceptuais, Kaspar Hauser recebeu da sociedade de Nüremberg a linguagem como referencial cognitivo. Assim, sem passar pela práxis social, Kaspar Hauser inicia seu conhecimento do mundo pela língua. Daí a conclusão de que, agindo sobre a práxis, a linguagem modela ou fabrica a realidade (obra citada, p. 77).

Ao sair do calabouço, Kaspar Hauser descobriu um mundo novo para ele: paisagens, vozes, movimentos, dimensões, perspectivas, distâncias, cognições, linguagem. Conheceu a natureza, as árvores, as montanhas, os rios, os pássaros. Sua visão do mundo ganhou impulso durante a convivência na casa de seu primeiro tutor, o professor Georg Friedrich Daumer (1800-1875), que lhe acolheu após o período de custódia na torre. Em sua companhia Kaspar Hauser aprendeu a falar,

a sentar-se à mesa, a comer, a banhar-se, depois a ler, a argumentar, a escrever etc. Escolhido em razão de seus méritos para educar o célebre enjeitado, o professor Daumer estudara com Shelling e Hegel, cujos filhos também estiveram sob sua tutela. A família Daumer passou a nutrir especial afeto pelo jovem, descrito no romance de Jacob Wassermann como possuidor de *dons desconhecidos* (p. 61), *um pequeno animal que nunca se aborrece* (p. 78) e que representa *a própria imagem da inocência* (p. 140).

Kaspar Hauser tinha natural afeição pelos animais, conforme se depreende de outra imagem literária extraída do livro de Wassermann: “*Kaspar estava sentado no jardim, em um banco, com um livro na mão, as andorinhas voando em torno, os pombos bicando aos seus pés, uma borboleta pousada no seu ombro e o gato da casa ronronava nos seus braços*” (p. 49). E mais adiante: “*O seu caráter, sempre tão calmo, lembra o lago na paz da noite. É incapaz de ofender a quem quer que seja, de maltratar um animal e sente piedade do verme da terra que receia esmagar com os pés*” (obra citada, p. 215). No filme de Herzog há cenas que o mostram alimentando pássaros, um deles pousado na janela do cárcere de Nüremberg. Como metáfora de sua própria dor, o prisioneiro atribui a si a condição de “pássaro sem asas”.

Em que pese seu rápido aprendizado a partir da assimilação dos signos lingüísticos e da observação dos costumes humanos, Kaspar Hauser demonstrava perplexidade diante do mundo ao redor, haja vista que sua percepção carecia da prática social. Permito-me aqui retomar o pensamento de Blikstein, em seu citado ensaio, no sentido de que “*A práxis opera em nosso sistema perceptual, ensinando-os a ‘ver’ o mundo com os ‘óculos sociais’ ou estereótipos*”, de modo que “*quanto mais avançamos no processo da socialização, mais os códigos verbais se apropriam de nosso sistema perceptual*” (obra citada, p. 66/67). Durante sua permanência no calabouço Kaspar Hauser desenvolveu outra carga teórica, bem diversa da normalidade, o que não implica em afirmar – como fazem os autores do Romantismo Alemão – que se tratava de um jovem puro, neutro ou adâmico.

Já para a professora Maria Clara Lopes Saboya, em “O Enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): Uma abordagem psicossocial”:

Conhecer o mundo pela linguagem, por signos lingüísticos, parece não ser suficiente para Kaspar Hauser”. De fato, “como ele poderia compreender o significado das palavras e que elas representam coisas, se não passou por um processo de aprendizado e socialização necessários para que compreendesse a representatividade dos signos?.

É que Kaspar Hauser não vivenciara o processo educacional que estimula na criança o processo de abstração, de modo que sua visão não-convencional da realidade o tornava diferente dos outros: *“ele próprio se via como um estranho, deslocado, frágil e impotente diante de uma realidade que não conseguia compreender, pelo menos não na forma como esperavam que ele compreendesse”* (obra citada, p. 4/5).

O aprendizado do mundo por Kaspar Hauser tornou-se um processo difícil e doloroso a ele. Longe dos estereótipos culturais que moldam percepção e conhecimento, sobretudo a linguagem, em sua ótica a significação dos objetos assume um conceito diverso daquele previamente definido pela práxis. Sem essa prática social, o referencial cultural de interpretação da realidade por Kaspar Hauser conflita com o que a sociedade esperava dele. A passagem da natureza para a cultura é o que transforma o homem em um “animal de costumes”, revelando – pelo exemplo de Kaspar Hauser – o confronto de dois referenciais diferentes, antes e depois da libertação. É interessante verificar, por outro lado, como o racionalismo científico, apesar de seu otimismo epistemológico, é absolutamente impotente e insuficiente para compreender Kaspar Hauser.

Conclui-se, portanto, que ao ser inserido na sociedade, Kaspar Hauser – até então desprovido da práxis e dos estereótipos - encontra na linguagem a ele imposta o seu principal instrumento cognitivo, utilizando-a, todavia, para questionar verdades preconcebidas. Por isso é que, segundo a irretocável conclusão de Blikstein, passou Kaspar Hauser a representar um incômodo social: *“Ao usar a linguagem para desafiar a percepção/cognição que lhe inculcam, ele acaba por patentear como a realidade tão bem ordenada e natural é apenas um produto da práxis da*

comunidade de Nüremberg (...). E é sobretudo por essa práxis libertadora (...) que ele deve morrer” (obra citada, p. 86).

E assim se fez.

5. ESTÉTICA DA DOMINAÇÃO

Contra a neve e contra a chuva,
contra a chuva e contra o vento,
Sempre adiante! Sempre adiante,
Sem sossego, nem paz!”

(GOETHE)

O início do século XIX foi marcado pelo positivismo, pelo evolucionismo e pelo espírito desenvolvimentista. É dentro dessa perspectiva histórica que viveu Kaspar Hauser, época em que na Alemanha vigorava o regime político da Monarquia sob orientação religiosa predominantemente cristã. Segundo Lúcia Nagib, em “Werner Herzog: o cinema como realidade”, a aparição de Kaspar Hauser ocorreu em um momento crucial da história do Ocidente, em que transcorria a “*passagem do obscurantismo medieval para as luzes burguesas, com todas as dilacerações, contrastes, descobertas e revelações que implicava*” (p. 97/111).

A comunidade de Nüremberg bem representava essa ordem estabelecida, conforme ponderado por Maria Clara Lopes Saboya em seu já citado estudo: “*Todos aqueles que não correspondiam ao protótipo do homem ‘civilizado’ eram classificados como primitivos, atrasados e deveriam ser ‘ajustados’ a alcançar graus mais avançados na escala de desenvolvimento e evolução*” (obra citada, p. 4). Como o perfil de Kaspar Hauser correspondia a de um homem sem identidade, que não correspondia às expectativas daqueles que o quiseram socializar, passou ele a ser discriminado.

A pretendida travessia cultural de Kaspar Hauser, do estado da natureza para o estado de sociedade, não se deu como esperado. Isso porque o rapaz, irremediavelmente marcado pelo estigma da rejeição, nunca assimilou determinados estereótipos sociais que lhe queriam impor. Isso pode ser visto, com melhor clareza, em determinadas

passagens do filme de Werner Herzog. A primeira diz respeito à visita que Kaspar Hauser recebeu de religiosos, os quais lhe indagaram se no cativeiro tivera noção da existência de Deus ou de algo que lhe elevasse o espírito. Para espanto dos pastores, o jovem negou a existência divina dizendo não conceber como Deus *do nada tudo criou*.

No jardim da casa de Daumer, em outra cena insólita, o tutor mostra as árvores ao rapaz e afirma que as frutas expressam a vontade de Deus. Ele pondera a Kaspar Hauser que a maçã não tem movimento próprio, não corre, permanece sempre parada no lugar em que caiu. Ocorre que ao soltar a fruta das mãos Daumer a vê rolar, descontroladamente, pelo chão. Nisso Kaspar Hauser retruca: “*essa maçã é esperta*”. Na cena seguinte o diretor questiona, pela voz inocente de Kaspar Hauser, o papel passivo das mulheres em um ambiente acentuadamente paternalista: “*Para que servem as mulheres?*”, pergunta ele ao observar a submissão da governanta às ordens do patrão. Na cozinha, pedaços cortados de um animal recém-abatido. Estética da dominação. Igreja e fiéis. Deus e os homens. Os homens sobre as mulheres. Seres humanos sobre animais.

Em outra passagem memorável o cineasta compõe um diálogo envolvendo um professor de lógica e Kaspar Hauser, haja vista o interesse daquele em testar a inteligência do rapaz. Ele veio para “*analisar a sua capacidade de pensar, ver se você é capaz de pensar*”, justifica Daumer a seu tutelado. O mestre, então, indaga a Kaspar Hauser, considerando a hipótese de haver duas aldeias distintas – uma de pessoas que falam a verdade e outra de pessoas que mentem – como fazer para descobrir de qual aldeia veio o viajante por ele interpelado.

A pergunta a ser feita é única, adverte ele, devendo ser observadas a lógica da argumentação e as possibilidades da dupla negação pelo sujeito. Kaspar Hauser, sem descobrir qual seria a resposta certa, ponderou a ele saber uma pergunta que resolveria o impasse: “*eu perguntaria ao viajante se ele era uma rã*”. Assim, o sujeito proveniente da aldeia da mentira certamente responderia: “*eu sou uma rã*”. E aí o problema estaria resolvido. Irritado com o argumento de Kaspar Hauser, o professor vocifera: “*Não posso admitir isso. Nada têm a ver com a lógica*.”

Lógica é dedução, não a descrição. O raciocínio deve ser construído, deduzido. A lógica é essencial. Não posso aceitar sua pergunta”.

Verticalidade. Poder. Dominação. Blikstein escreveu que, em nosso sistema perceptual, a práxis ensina-nos a ver o mundo com “óculos sociais”. Para ele, quanto mais avançamos no processo de socialização, mais os códigos verbais se apropriam de nosso sistema perceptual e de nosso pensamento: *deveríamos, portanto, regenerar o poder do olhar humano, como quer R. Magritte, e tentar recuperar todo um universo de semiose não-verbal de que está impregnada a nossa percepção/cognição, mas de que não somos conscientes* (obra citada, p. 68). É exatamente isso que faz G. Bachelard em *La poétique de l'espace*, citado por Blikstein, ao mostrar que a percepção do referente “casa” está investida de uma verticalidade e de uma centralidade melhorativas, gerando uma significação que não depende da intervenção do código lingüístico:

A casa é imaginada como um ser vertical. Ela se eleva. Ela se diferencia no sentido de sua verticalidade. Ela é um dos apelos à nossa consciência de verticalidade (...).

Quanto ao porão, encontrar-lhe-emos, sem dúvida, utilidades. Racionalizá-lo-emos, enumerando as suas comodidades. Mas ele é inicialmente o ser obscuro da casa, o ser que participa dos poderes subterrâneos... (...).

Sobre esse estereótipo da percepção, a de que a casa é imaginada como um ser vertical, assim conclui Bachelard:

Ela é um dos apelos à nossa consciência da verticalidade.

A verticalidade é assegurada pela polaridade do porão e do sótão.

Podemos por a racionalidade do teto à irracionalidade do porão (ob. cit. p. 70).

A situação vivenciada por Kaspar Hauser, que sugere dominantes e dominados, superior e inferior, horizontalidade e verticalidade, possibilita essa interessante cognição estética observável no filme de Werner Herzog. Na fotografia de capa vê-se Kaspar Hauser, em linha

horizontal, prostrado sobre a relva, tendo atrás de si – em posição vertical – o homem que o manteve cativo durante tantos anos. A caminho de Nüremberg, sob a vigilância de seu preceptor (dominante), dorme Kaspar Hause (dominado). Pouco antes o rapaz fora retirado de seu calabouço, um recinto escavado provavelmente sob o piso de uma casa. Superior e inferior. A casa, que exprime a verticalidade nobre (ascensão) contrasta com o porão, que representa a verticalidade pejorativa (cômodo de despejo). Dominantes e dominados. De certa forma é o que acontece, em regra, na relação homem e animal. Zoológicos. Circos. Matadouros.

Isso também serve para reforçar a idéia de que a percepção/cognição, segundo Blikstein, pode ser manejada ideologicamente pela práxis social: *“A frágil consciência da semiose não-verbal embaciada pela modelagem lingüística, leva-nos a aceitar como ‘natural’ toda uma estrutura de movimentos, espaços, distâncias, gestos, objetos, construída pela estereotipia da nossa percepção”* (obra citada, p. 74). Ao chegar a Nüremberg, ainda com o olhar inocente e puro, desprovido de ‘óculos sociais’, Kaspar Hauser não dispunha de referências que lhe permitissem enxergar o mundo da forma como as outras pessoas o faziam. Mas a língua que lhe foi ensinada, assim como todo o processo de socialização que se seguiu, funcionou como instrumento de imposição de uma pretensa verdade, perante a qual Kaspar Hauser sempre se mostrou refratário.

6. O ESTADO DE NATUREZA

Uma alma nobre atrai almas irmãs
e sabe como cativá-las.

(GOETHE)

Sabe-se que o filósofo Platão possuía uma visão idealista do mundo. Já Aristóteles acreditava que as idéias em si não constituem uma realidade objetiva. Nossa inteligência, segundo o estagirita, é o que permite abstrair os conceitos das coisas, não as idéias propriamente ditas. Na visão aristotélica, portanto, a característica típica do homem é a atividade racional, atributo este que o distingue de todos os outros

animais. O problema da ética, sob essa ótica, consiste em saber como viver plenamente de acordo com a razão. Um homem sem vida social, para o autor de “Ética a Nicômano”, torna-se, assim por dizer, um animal. Daí porque a razão deve assumir a direção da vida cotidiana, dominando as paixões, criando bons hábitos e semeando a virtude. Em suma, enquanto os platônicos acreditam na realidade das idéias gerais universais, os aristotélicos diziam que o pensamento opera por meio de conceitos enquanto a realidade, conseqüentemente, é constituída por indivíduos.

São Tomás de Aquino (1225-1272), representante máximo da filosofia cristã, impulsionou o pensamento de Aristóteles ao dizer que só podemos raciocinar a partir dos dados dos sentidos, os quais se tornam o caminho para o aprendizado. Para alcançar um conhecimento geral, a inteligência precisa afastar-se da individualidade ou da materialização da imagem, para então cumprir o papel do intelecto. Na *Suma Teológica* e na *Suma Contra os Gentios*, aliás, o doutor angélico defere à autoridade eclesiástica o direito de punir todos aqueles que divergissem da doutrina oficial, legitimando assim a perseguição dos hereges e, posteriormente, a ação intolerante da própria Inquisição.

Herdeiro da filosofia aristotélico-tomista, René Descartes (1596-1650) inaugura a revolução científica do século XVII, cuja característica principal é o mecanicismo reducionista. A onipotência da razão transforma-se em critério para a aferição da verdade. Com o advento da visão mecanicista do universo assiste-se a uma transformação do sentido essencial da natureza. Em seu lugar criam-se estruturas mentais e signos lingüísticos capazes de substituir a valoração axiológica por critérios geométricos ou mecânicos da realidade. Surge, a partir de então, uma inevitável crise do homem perante a natureza.

No “Discurso Sobre o Método” (1637) Descartes apresenta a linguagem como o principal traço distintivo entre os seres humanos e os animais. Isso originou sua teoria da *bête machine* (animal-máquina), no sentido de que os animais não-humanos são apenas autômatos desprovidos de alma e, portanto, suscetíveis a qualquer tipo de uso ou de intervenção invasiva. Para ele, uma coisa pensante (*res cogitans*) é o ser consciente de si, possuidor de linguagem articulada e capaz de refletir

sobre a própria condição; a coisa extensa (*res extensa*), ao contrário, é um conjunto de matéria cujas funções dependem da interação de suas partes. Em tal contexto, os animais afastam-se do âmbito da moralidade humana porque são apenas “coisas”, criaturas sem linguagem e incapazes de sentir dor, postura essa que gerou a mentalidade vivisseccionista e o cientificismo do século XIX.

Para o Racionalismo, a origem do conhecimento é a razão, seja ela humana ou divina. conjunto de doutrinas filosóficas que vincula o conhecimento autêntico e verdadeiro à razão, acredita em idéias inatas no homem. Com Hegel (1770-1831), o racionalismo tornado idealismo alcançou seu apogeu, ao difundir a concepção de que “*uma coisa é tanto mais real quanto menos individual e mais universal*”. O indivíduo, em contrapartida, nada representa, funcionando o Estado como um elo entre Deus e o ser humano. Enquanto que para Kant (1724-1804) “*O homem é sempre um fim em si mesmo*”, para Hegel o mais importante é o Estado, tornando-se o homem apenas um meio. Sob o fundamento filosófico hegeliano, as guerras são naturais e necessárias, justificadas para fortalecer o Estado.

Como já ponderamos na parte introdutória deste trabalho, o filósofo empirista inglês Thomas Hobbes admite a existência de uma lógica pura e racional. Esse sistema, nominalista, depende das palavras e da construção dos signos lingüísticos. Na sua filosofia, de feição materialista e mecanicista, a percepção é advinda da atividade cerebral, da mesma maneira que a moral é conduzida pelos interesses e pelas paixões. O materialismo mecanicista de Hobbes reduz todas as formas do movimento da matéria ao movimento mecânico, negando assim o caráter objetivo da determinação qualitativa (objetos, coisas, som, luz, cheiro, cor, gosto etc). As leis da natureza, para ele, representam nada mais do que a racionalização do egoísmo: “*Uma lei da natureza (lex naturalis) é um preceito ou regra geral, descoberta pela razão, que veta ao homem fazer o que é lesivo à sua vida ou que lhe toque os meios para preservá-la e omitir aquilo com que ele pensa que sua vida possa ser conservada*” (Leviatã).

Na base de todos os valores humanos, segundo Hobbes, está o instinto de conservação, qual seja, o esforço dos seres em unir-se ao que lhes agrada e fugir do que lhes ameaça. Daí o justificável uso da força,

haja vista que o homem em estado natural representa um permanente risco à ordem social. “*Homo homini lupus*” (o homem é o lobo do homem) e “*Bellum omnium contra omnes*” (guerra de todos contra todos) são duas frases célebres de Hobbes para demonstrar que o estado natural significa insegurança e angústia. Neste sentido, o medo faz com que os homens fundem o estado social e confirmam sua representatividade à autoridade política. A paz somente será alcançada na medida em que cada um abdica de seus direitos naturais em favor de um soberano que, em nome do direito coletivo, passa a exercer um poder absoluto. Aqui está a origem do totalitarismo representado no “Leviatã”, texto em que Hobbes expõe suas concepções políticas e sociais a partir de posições idealistas, desenvolvendo a teoria do contrato social.

Em oposição à Ética racionalista encontraremos Jean-Jacques Rousseau, cuja obra filosófica constitui uma reação de caráter espiritualista aos excessos do Iluminismo e aos Enciclopedistas franceses do século XVIII. Ao se declarar inimigo do progresso, o autor de “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade” opõe-se frontalmente a Hobbes. Para ele, na ordem social primitiva (“estado natural”) os homens estavam sob a égide da igualdade e ignoravam a sujeição social, a miséria e a injustiça. O progresso das ciências e das artes – sustenta o filósofo genebrino – tornou o homem vicioso e mau, corrompendo sua natureza íntima, a de ser bom. Daí porque a consciência moral, segundo Rousseau, é uma exigência inata do homem, e não o reflexo dos costumes.

Neste aspecto, a proposta de Rousseau pode ser resumida na fuga do artificialismo brutal e desnaturado para reingressar na natureza em estado puro. Tal passagem não significa o retorno à natureza primitiva, mas no progresso espiritual e intuitivo capaz de resgatar a verdadeira natureza humana, em que a essência triunfa sobre a existência. “*O homem nasceu livre, mas em toda parte está preso a grilhões*”, adverte o filósofo na abertura de seu “Contrato Social”, de 1762. No amor pela liberdade e pela igualdade ele assume também uma posição contrária à doutrina hobbesiana do Estado absoluto e à própria monarquia. Quanto às suas idéias pedagógicas, desenvolvidas no clássico “Emílio”, Rousseau rejeita o tradicionalismo e o formalismo educacionais, propondo uma

educação livre e natural às crianças: “*não é a lógica do mundo pré-racional que se deve obedecer, mas a lógica da harmonia racional*”.

Crítico radical da vida e dos costumes de sua época, ele buscava recuperar os sentimentos mais profundos do espírito humano. Ao se afastar dos estereótipos sociais, o discurso de Rousseau bem se ajusta à situação de Kaspar Hauser, concretizando teoricamente a idéia da existência de um homem em estado natural, bom, justo, originalmente íntegro e livre das pressões sociais. A narrativa contida no “Discurso sobre a Origem e a Desigualdade dos Homens”, no sentido de que o aperfeiçoamento da razão humana deteriorou a espécie, demonstra – a exemplo do que se vê em Kaspar Hauser – que o homem socializado tornou-se mau. O estado de natureza rousseauiano assume, assim, um sentido normativo referencial em relação a determinados aspectos degenerados do homem. A teoria do “bom selvagem”, que possibilitou a idealização do *modus vivendi* dos povos primitivos, viabiliza a crítica racionalista, porque – segundo o filósofo genebrino – deixada ao seu livre fluir a natureza permite o triunfo dos sentimentos sobre a razão, do instinto sobre a reflexão, da autoconservação sobre a opressão. Tal mito, como referencial valorativo para a análise de uma estrutura social viciada, coincide com a história de Kaspar Hauser e a espontaneidade de seus gestos e sentimentos mais profundos.

7. DA VULNERABILIDADE ANIMAL

Em torno, a treva é densa
No deserto sem fim a caravana descansa
e os seus guias.

(GOETHE)

Do modo como retratado no filme e no romance que norteia esta monografia, a vida de Kaspar Hauser é a de um homem vítima de estigmatização social, haja vista sua origem obscura que deu ensejo a especulações diversas, bem como ao fato de ele ter sido mantido isolado, sem memória, sem referências e sem identidade. Por isso é que renomados cidadãos de Nüremberg, tão logo confirmada a veracidade da situação

do rapaz, comprometeram-se a socializá-lo de acordo com os padrões morais vigentes. Não obstante isso, o jovem permaneceu algum tempo custodiado na torre dos párias e depois exposto à curiosidade pública, ao lado de outras pessoas tidas como indesejáveis ao convívio social. Em meio a esse contexto é que se pode equiparar sua situação com a dos animais não-humanos, demonstrando que em nossa cultura a Razão surge como marco divisório entre as espécies: de um lado os homens detentores do poder/dominadores, de outro lado os animais (humanos e não-humanos) vulneráveis/subjugados.

A situação particular de Kaspar Hauser não é a de uma criatura em estado de natureza, mas a de alguém estigmatizado pelo fato de afastar-se do conceito de racionalidade. Ao privá-lo de liberdade, enquanto não se definia o inquérito instaurado sobre sua aparição, as autoridades de Nüremberg assim agiram para preservar a ordem pública e a segurança social. Depois, com a exibição pública do prisioneiro no cárcere e também em um circo de aberrações, fica clara a intenção da sociedade local em compactuar com a discriminação de um indivíduo tido como anormal. Afinal, um bicho-homem foi resgatado de um calabouço. A curiosidade popular acerca de um pretense selvagem, ainda que de comportamento pacífico, foi suficiente para que Kaspar Hauser acabasse confinado e exposto como uma criatura selvagem.

Nesses recintos o animal prisioneiro aprende a temer seu algoz e obedecer às suas ordens. Sucede, entretanto, que Kaspar Hauser viveu solitário e sem referenciais, desconhecendo sua própria condição, o que lhe tornou uma pessoa em estado quase primitivo. Sozinho no porão, ele não sabia o que era a solidão. Ao acordar a cada manhã, limpo e com pão e água ao alcance de suas mãos, ignorava como isso acontecia. Sua acuidade visual no escuro e sua extraordinária capacidade de audição desenvolveram-se em razão das circunstâncias do cárcere, situado – ao que consta dos registros históricos – em um cômodo subterrâneo onde mal passava a luz e o som. Foi assim que cresceu Kaspar Hauser, bicho-homem, subjugado, proscrito, confinado, longe do contato social e privado das possibilidades de auto-conhecimento.

A postura de Kaspar Hauser, paradoxalmente, traduz-se em crítica ao racionalismo, capaz de atingir e desmontar pretensas verdades

preexistentes. Ao desafiar a lógica e todo seu sistema de argumentação racional, ele assume uma posição contestadora que lhe acentua o distanciamento da sociedade. É exatamente aquilo que escreveu Saboya: “*Kaspar Hauser não é reconhecido como parte da sociedade, da mesma forma que ele não se reconhece como parte dela*” (ob. cit., p. 8). Tal constatação pode ser feita na cena do filme que mostra o rapaz sendo apresentado à alta sociedade, durante uma festa em que fora convidado a participar. Ao ser indagado, pela esposa do prefeito de Nüremberg, como era sua prisão no calabouço, Kaspar Hauser respondeu: “*Melhor do que aqui fora*”. Conclui a autora, portanto, que aos poucos o rapaz sofre um processo de estigmatização que o marca não como indivíduo *diferente* ou *anormal*, mas também *como alguém que não possui identidade* (ob. cit., p. 8).

Pode-se afirmar, diante disso tudo, que se pretendia fazer de Kaspar Hauser um animal domesticado e submisso, cujo enigma o tornava centro das atenções e, conseqüentemente, alvo de interesses diversos e até mesmo escusos. E em nome desses mesmos interesses alguém, agindo à traição, o golpeou com uma facada mortal no peito. Em seu delírio agonizante Kaspar Hauser conta uma história inacabada, em que uma caravana cruza o deserto, guiada por um beduíno cego: “*Meus filhos – diz o homem no sonho – vocês estão errados, isto diante de vocês não são montanhas e sim a imaginação*”. Pouco depois, Kaspar Hauser estava morto. Na autópsia, os legistas afirmaram ter encontrado pretensa anomalia no cérebro do rapaz, atribuindo assim uma explicação racional, objetiva e fisiológica para seu pretenso desvio de comportamento.

Outra interessante conclusão é a de Lúcia Nagib, autora de “Werner Herzog: o cinema como realidade”, no sentido de que Kaspar Hauser, no mundo dos homens, foi martirizado pelos mecanismos da razão: “*A oficialidade burocrática que o toma por um impostor, a professor de lógica que lhe fala de abstrações, os pastores que lhe querem impingir a inapreensível idéia de Deus. Mas o pior dos martírios é a linguagem verbal*”. E a palavra, reconhece a autora, *é uma prisão, invisível e sutil, porém tanto mais forte* (ob. cit. p. 91-111).

E que mais importa dizer sobre o caso, finalmente, é que alguns anos após a morte de Kaspar Hauser, o professor Georg Friedrich Daumer fundou a “Sociedade Alemã para a Prevenção da Crueldade

com os Animais” (1840), comprovando assim que sua postura ética era voltada às criaturas oprimidas, fossem elas humanas ou não. Esse longínquo exemplo de amor e compassividade a todos que estivessem em situação de vulnerabilidade, capaz de desafiar a Ética racionalista de seu tempo, ecoou por diversas gerações até ser ouvido pelos constituintes. Isso porque a Câmara Alta do Parlamento alemão, em 21 de junho de 2002, aprovou uma alteração no texto constitucional para incluir os animais na comunidade moral, deferindo-lhes direitos: “*Consciente de sua responsabilidade também frente às gerações futuras, o Estado protegerá os recursos naturais vitais e os animais, no âmbito da ordem constitucional, por intermédio do Poder Legislativo e, no campo da lei e do direito, por meio dos Poderes Executivo e Judiciário*” (Carta da República Federal da Alemanha, artigo 20-A).

A história de Kaspar Hauser certamente influenciou o espírito de seu tutor Daumer, contribuindo, de certa forma, à criação da pioneira associação zoófila alemã, que se voltara para a proteção de outros seres vivos maltratados pelo homem. Nesse contexto, a morte do “orfão de Nüremberg” não foi em vão. Afinal, aquele que conseguia enxergar na escuridão e ouvir o que ninguém escutava, que era bom e justo, que respeitava seus semelhantes e, enfim, que amava os animais e a natureza, ajudou a despertar a consciência humana em favor das criaturas vulneráveis. Talvez a emblemática frase utilizada no prólogo do filme de Werner Herzog pudesse servir de epígrafe à vida de quem, estigmatizado e ferido pela sociedade de seu tempo, ainda assim conseguiu denunciar a esterilidade da razão:

Esses gritos assustadores ao nosso redor são o que vocês chamam de silêncio?

8. CONCLUSÕES ARTICULADAS:

1) Criado em um calabouço e isolado de contato social, Kaspar Hauser não tinha autoconsciência, não possuía memória lingüística do que lhe acontecera, não aprendeu a falar nem a andar, vivendo, enfim, na condição de bicho cativo;

- 2) Sem os estereótipos culturais que moldam percepção e conhecimento, sobretudo a linguagem articulada, a significação dos objetos assume, para ele, um conceito diverso do previamente definido pela práxis social;
- 3) Ao ser inserido na sociedade, Kaspar Hauser – até então desprovido desses estereótipos – passa a interpretar a realidade de forma diversa ao que se esperava dele, tornando-se por isso um ser discriminado;
- 4) Em sua passagem do estado de natureza para o estado de cultura, em meio a um conturbado processo de socialização, Kaspar Hauser aprende a expressar a sua dor pelos signos lingüísticos que lhe impuseram;
- 5) A teoria rousseaniana do ‘bom selvagem’, como referencial valorativo para a crítica de uma estrutura social viciada, coincide com a experiência de Kaspar Hauser e a espontaneidade de seus gestos e sentimentos mais profundos;
- 6) Apesar de assimilar os hábitos e os costumes sociais de seu tempo, Kaspar Hauser nunca foi aceito pela comunidade como pessoa normal, carregando em si o estigma da rejeição;
- 7) Embora se afirme que o homem nasce aético, é possível vislumbrar pelo exemplo de Kaspar Hauser – à luz do Romantismo Alemão de seu tempo - indícios significativos da existência de uma bondade original humana;
- 8) A vulnerabilidade de Kaspar Hauser, representada pela estética da dominação que caracteriza a verticalidade do poder, guarda similitude à situação dos animais subjugados;
- 9) Verifica-se no presente caso um interessante referencial hobbesiano, já que Kaspar Hauser foi vítima do homem que é lobo do homem;

10) A história de Kaspar Hauser, que atinge uma dimensão ético-filosófica, mostra o equívoco de uma sociedade cujo *modus vivendi* está centrada no racionalismo positivista, denunciando assim a crise da razão.

REFERÊNCIAS

- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- DESCARTES, Renê. *Discurso do método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- HERZOG, Werner. *O Enigma de Kaspar Hauser* (filme). Alemanha, 1975.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1998.
- MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de Ética – De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- MONDAINI, Marco. *Direitos Humanos*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- MOURA, Pedro de Almeida. *Perfil de Goethe*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1949.
- NAGIB, Lúcia. *Werner Herzog: o cinema como realidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- NARUYAMA, Akimitsu. *Freaks. Aberrações humanas – A exploração de fenômenos físicos humanos em circos e espetáculos itinerantes*. Acervo fotográfico. Editora Livros e Livros.
- OLIVEIRA, Manfredo A. de (organizador). *Correntes fundamentais da Ética contemporânea*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- RAFAELLI, Rafael. *Kaspar Hauser - A Inércia do Imaginário*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.
- REALI, Giovanni / ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da Educação*. São Paulo: Martins Fontes.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Obras*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.

SABOYA, Maria Clara Lopes. *O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial*. Instituto de Psicologia da USP, 2007.

WASSERMANN, Jacob. *Kaspar Hauser ou a Indolência do Coração*. Trad. Adonias Filho. Rio de Janeiro: Editora Pan-Americana, 1943.